

Modalidade do trabalho: TRABALHO DE PESQUISA
Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS GUERRAS MUNDIAIS¹

Samantha Toscano Do Lago Costa Da Silva², Caroline Dos Anjos Da Luz³, Giovana Casarin Tisott⁴

¹ Trabalho de Pesquisa

² Professora orientadora.

³ Aluna do 9º ano do Centro Educacional Primeiros Passos.

⁴ Aluna do 9º ano do Centro Educacional Primeiros Passos.

"Sem mulheres, não há vitória rápida". A frase, pronunciada em 1915 por David Lloyd George, futuro premier britânico, ilustra o envolvimento determinante das mulheres no esforço de guerra durante o primeiro conflito mundial, em todas as nações participantes.

A participação das mulheres nas guerras sempre foi diversificada. Atuaram nos bastidores e também na frente de combate, travaram lutas violentas, dirigiam tanques e ambulâncias e foram operárias nas fábricas de armamentos e munição, mas apesar de tanto ativismo, no início de 1930 ainda não tinham o direito ao voto.

Apesar das mulheres terem lutado, trabalhado tanto como enfermeiras como pilotos de aviões, ou para animarem as tropas, ou até se infiltrarem clandestinamente e agremiar informações estratégicas. As mulheres suportaram toda sorte de atrocidades tipicamente cometidas em guerra, campos de concentração, incêndios provocados por bombardeios e até mesmo a bomba nuclear.

Nessa ocasião ocuparam funções que antes eram exclusivamente masculinas, tais como engenheiras, supervisoras de produção, motoristas de caminhão, de tanque e tantas outras profissões, resultando num impacto social que mudaria toda a estrutura do mundo e, particularmente, da família.

Quando iniciou a Segunda Guerra Mundial registrava-se que poucos países onde as mulheres tinham seus direitos civis e cidadania respeitada e plena.

Segundo a professora e historiadora norte-americana Wendy Goldman, os ideais de emancipação da mulher e amor livre inspiraram o movimento feminista ocidental nos anos sessenta e setenta e já eram debatidos nos primeiros anos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na década de vinte. Em "Mulher, Estado e Revolução: a política familiar e a vida social soviéticas (1917-1936)" escrito em 1993, mas publicado no Brasil pela editora Boitempo Editorial, Goldman reconta a história do "verão do amor" soviético, que teve fim com a ascensão do stalinismo.

Um pouco antes da segunda guerra mundial, pelo menos metade das mulheres alemãs efetivamente trabalhavam fora, sendo um número mais elevado e expressivo se comparado aos Estados Unidos (25%) e a Grã-Bretanha (45%).

Em 1941 existiam quinze mil creches na Alemanha e as mulheres que tivessem emprego fixo, já recebiam seis semanas de licença maternidade remunerada, algo que não ocorria em outro lugar no mundo. Principalmente justificada porque a reprodução era considerada uma benção para o regime,

Modalidade do trabalho: TRABALHO DE PESQUISA
Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

contando com forte apoio do governo.

Apesar enfrentaram o preconceito, cerca de três mil mulheres que trabalharam como empregadas na codificação e decodificação de mensagens secretas na Grã-Bretanha. E, em Liverpool existia um batalhão feminino, sendo todas especialistas em línguas estrangeiras e responsáveis, por correspondências dirigidas aos países neutros ou aliadas. Também foram responsáveis pela censura das cartas dos soldados.

Em Northfolk onde havia mais de cem aeródromos da RAF e da Força Aérea norte-americana e a base dos bombardeiros tinha cerca de dois mil e quinhentos funcionários, dentro os quais, cerca de quatrocentas eram mulheres.

Atuaram como voluntárias fora da área militar nas fábricas de uniformes, de armamentos e nos estaleiros. Em 1942, registrou-se o número expressivo de sete milhões de mulheres atuando nas frentes de trabalho, e atendendo ao chamado "Mulheres da Grã-Bretanha", venham para as fábricas.

Aliás, o primeiro país a reconhecer a necessidade do emprego da mão de obra feminina durante a Segunda Guerra Mundial foi a Inglaterra, na época, a grande maioria dos postos de trabalho era ocupada por homens.

No entanto, como a guerra veio a mobilizar cerca de 5,5 milhões de homens, a força do trabalho feminina passou a ser decisiva para que o país se mantivesse nesse período tão conturbado.

Diante da introdução da força laboral feminina maciça no mercado de trabalho surgiram diferentes reações. Muitos inicialmente temiam que, finda a guerra, a força do trabalho feminina permanecesse ativa e retirasse o trabalho dos homens, que eram os naturais provedores do lar. A proteção da família continuava em plano prioritário e, seguindo o exemplo da Inglaterra, também outros países, passaram a adotar o trabalho feminino nas construções de aviões, navios, caminhões, produção de armas e tantas outras atividades civis e militares.

Inicialmente recorreu-se ao voluntariado, preferencialmente de mulheres solteira, para não comprometer a harmonia do lar. Porém, o voluntariado não foi suficiente e, em 1941, o governo britânico promoveu o recrutamento de mulheres.

Inicialmente, o alvo eram as mulheres solteiras, depois, as casadas também começaram a ser recrutadas. Apenas as mães com filhos menores de quatorze anos estavam dispensadas de colaborar com o esforço de guerra. Em 1942, seis milhões e setecentos sessenta e nove mil mulheres estavam envolvidas no esforço de guerra na Grã-Bretanha.

Por outro lado, os países do Eixo, como a Alemanha e Itália, resistiram à ideia de ter mulheres envolvidas no esforço de guerra. Mas depois, também aderiram.

Modalidade do trabalho: TRABALHO DE PESQUISA
Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

O Canadá chegou a mobilizar cinquenta mil mulheres em suas forças armadas, chegando a representar vinte e cinco por cento da mão de obra envolvida no esforço de guerra. No mercado de trabalho formal, registra-se que a participação feminina cresce em média oitenta e nove por cento se comparado com os anos anteriores.

Em 1944, o número de mulheres trabalhando era de oitocentos e doze mil, das quais duzentos e sessenta e um mil trabalhavam nas fábricas de armamentos. E, trinta por cento desse número trabalhava na indústria aeronáutica, sendo responsável pela produção de dezesseis mil aviões. Havia ainda o trabalho voluntário que também envolveu milhões de mulheres canadenses, organizadas em associações e clubes locais.

A Força Aérea Canadense seria uma das primeiras a admitir as mulheres. Em julho de 1942, foi criada a Força Aérea (CWAAF). Ainda naquele ano, o exército cria o Serviço Feminino Armado Canadense (CWAC). A Marinha seria a última a aceitar as mulheres em seu efetivo, em 1942, com a criação da Reserva Feminina da Marinha Real do Canadá (WARCNS).

As mulheres assumiam funções administrativas liberando, dessa forma, os homens para o front. Assim como as mulheres que ocupavam funções no mercado formal de trabalho, as militares também não recebiam uma remuneração igual à de seus pares do sexo masculino. A guerra elevou o valor social do trabalho feminino, porém, essas ainda recebiam salários menores, mesmo quando executando a mesma atividade.

Conclui-se que a Segunda Guerra Mundial foi um conflito de homens e mulheres. E, foi a ocasião quando muitas mulheres de diferentes países foram conclamadas a contribuir com esforço de guerra. Funções nunca antes assumidas por mulheres foram entregues a elas, uma alteração na cadeia produtiva que já havia sido notada na guerra anterior. A princípio, quem só era vista como capaz de trabalhar em tecelagens ou, na melhor das hipóteses, como educadora e enfermeira, passou a ajudar conduzindo trens e ônibus, atendendo ao público nas agências de Correios, servindo de mão de obra nas fábricas de armas e munições e como datilógrafa em repartições públicas.

Referências:

LEITE, Gisele; HEUSELER, Denise. A presença da mulher na Segunda Guerra Mundial. 2019.